

## O APRIORISMO DO SUJEITO EM BENVENISTE

Fábio Elias Verdiani TFOUNI \*

### RESUMO

O objetivo do presente trabalho é realizar uma reflexão sobre a noção de sujeito em Benveniste. Lendo os trabalhos do autor, pudemos constatar que parece haver neles duas concepções de sujeito, uma que propõe um sujeito como sujeito na linguagem, isto é, como sujeito que existe a partir do momento em que aparece na linguagem e nunca fora dela. Com essa visão, poderíamos pensar que o sujeito em Benveniste é efeito de linguagem, um pouco como o é para Pêcheux e Lacan. No entanto, não é o caso, já que existe uma outra concepção de sujeito para o autor. Esta segunda concepção seria a de um sujeito senhor da linguagem, que a manipularia por sua conta. Esta visão, portanto, seria oposta à do sujeito como fruto da linguagem. Este trabalho, ao rever o sujeito em Benveniste, problematiza as concepções do autor, as quais, colocadas lado a lado, nos permitem ler em Benveniste um discutível apriorismo do sujeito. O autor concebe um sujeito capaz de se propor como sujeito. Ora, se ele é capaz de se propor, temos aí um sujeito anterior, algo que não pode ser efeito da linguagem, como o autor coloca. As conclusões aqui apontadas não são definitivas e podem ser modalizadas ou sofrer alterações com estudos posteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Sujeito. Benveniste. Apriorismo.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos estudar a noção de sujeito em Benveniste. Pretendemos também comentá-la, tomando o ponto de vista da Análise do Discurso francesa (AD) e da Psicanálise lacaniana.

Basicamente, mostraremos como em Benveniste a linguagem é que constitui a subjetividade, o sujeito. E que, além dessa, há uma segunda concepção de sujeito na obra do autor, que é a do sujeito centrado que é senhor do que diz. Esta centralidade do sujeito será comentada e criticada. Além disso, apontaremos um problema, um paradoxo lógico nas propostas de Benveniste, problema este relativo a um certo apriorismo do sujeito, que se pode ver quando colocamos lado a lado essas duas concepções de sujeito.

#### 1. O sujeito na linguagem

Vejamos então, como o autor articula um sujeito que existe como sujeito na linguagem, um sujeito que, sendo da linguagem, não seria psicológico nem anterior àquela. Sobre esse sujeito ele afirma: “Ora, essa ‘subjetividade’, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem” (1991, p.286).

Benveniste diz que é na linguagem que a subjetividade se constrói, e deste modo os pronomes tornam-se lugares privilegiados onde se pode verificar isso. Sobre os pronomes diz o autor:

---

\* Pós-doutorando no IEL-UNICAMP. Bolsista da FAPESP. fabiotfouni@hotmail.com

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica reciprocidade - que *eu* me torne *tu* na locução daquele que por sua vez se designa como *eu*. (BENVENISTE, 1991, p.286)

Os pronomes possuem uma natureza dialética, no sentido de que há contraste, há negação, ou seja, há um *eu* porque há um *tu* a quem dirijo minha locução, e esse *tu* por sua vez pode se colocar como *eu*, em função de que *eu* passo a ser *tu*.

Assim, a natureza dos pronomes parece ser dialética, e essa dialética se baseia em uma negação. Na medida em que não sou *tu* é que posso ser *eu*. Neste sentido é que a noção de sujeito em Benveniste parece passar por uma dialética do reconhecimento, ou seja: *eu* me constituo na medida em que me diferencio, reconheço o outro como diferente, como *não eu* (aí está a negação). Nas palavras de Benveniste, a relação é mais forte: *eu* me constituo nessa dialética, assim como é daí que se constitui o *tu*; há uma transcendência do *eu* que instala o *tu*. Afirma Benveniste: “É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade” (1991, p.287).

Com isso, o autor diz que não há antinomia entre o *eu* e o *outro*. Isso, em nosso entender, significa que não se trata de uma oposição simples, mas de uma oposição constitutiva, no sentido de que o *eu* não se opõe ao *tu*, mas que a negação entre *eu* e *tu* é que os compõe mesmo, que os constitui; assim, não há oposição, porque o *eu* precisa do *tu*, para que no movimento de negação (entre si) ambos se constituam.

Isto é importante porque o autor não concebe um sujeito positivo que se define a si mesmo e se apresenta ao mundo. Não há um sujeito que adquire consciência de si por si mesmo, e que, após esse reconhecimento auto-suficiente, se relacionaria com o outro. Benveniste: “Caem assim as velhas antinomias do *eu* e do *outro*, do indivíduo e da sociedade...” (1991, p. 287).

Para o autor é a linguagem que funda a subjetividade, ou, como ele diz, **a pessoa**, tanto dentro como fora da linguagem. Isto se dá graças a uma especificidade da linguagem que não se encontra em nenhum outro lugar. Diz o Autor: “A instalação da 'subjetividade' na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria da pessoa” (1991, p.290); e também que: “[...] procure-se um paralelo para isso; não se encontrará nenhum. Única é a condição do homem na linguagem” (1991, p. 287).

Uma outra forma de verificar que o sujeito para Benveniste não é psicológico, é a de que os pronomes *eu* e *tu* são formas vazias que o sujeito preencheria com seu uso. Diz o autor: “[...] a linguagem, de algum modo, propõe formas ‘vazias’, das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua ‘pessoa’, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*” (BENVENISTE, 1991, p. 289).

O *eu* e o *tu* não são como a palavra “árvore”, à qual está associado um conceito e esse conceito poderia servir a todos os empregos particulares da dita palavra. Diz Benveniste: “Ora, esses pronomes se distinguem de todas as designações que a língua articula, no seguinte: não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo” (1991, p.288). O *eu* é algo exclusivamente lingüístico que “se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado e lhe designa o locutor” (1991, p.288).

Essas concepções de Benveniste, como se pode ver, não permanecem apenas como uma filosofia, mas têm conseqüências práticas quanto à leitura que se pode fazer de uma locução.

Tratando-se da questão da subjetividade da linguagem, não podemos deixar de mencionar, ao menos de passagem, a concepção de que a terceira pessoa gramatical não seria uma pessoa; na verdade, seria uma não pessoa. Isso se dá na medida em que o terceiro não faz parte da situação de comunicação, da troca de enunciados. O terceiro é o de fora. Na situação de fala temos apenas o *eu* e o *tu*, o *ele* não está ali, e por isso funciona como um referente, *ele* não é o para quem se fala, ou com quem se fala, mas é **de quem** se fala.

Essa distinção de Benveniste se assenta em sua análise dos pronomes, onde afirma que as pessoas verbais são *eu/tu*, e que o *ele* não é uma terceira pessoa, é a não pessoa. Diz ele: “A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma pessoa específica” (BENVENISTE, 1991, p.250).

## 2. O sujeito centrado

Nesta sessão, vamos abordar brevemente a questão da centralidade do sujeito em Benveniste, visto que a leitura mais comum de sua obra vê nela um sujeito que é centro e senhor de sua enunciação, fato que pode ser checado em suas afirmações de que o sujeito mobiliza por sua conta a língua. Nossa posição é a de que o sujeito não é centro, motivo pelo qual procederemos à crítica dessa centralidade. Essa crítica pode tomar diversas moedagens. Podemos argumentar, por exemplo, que de um ponto de vista de uma teoria das ideologias e da alienação o sujeito possui crenças e valores implantados ideologicamente por um outro. Conclui-se daí que o sujeito não pode ser considerado como absoluto senhor do que pensa, do que acredita e, conseqüentemente, do que enuncia. Na confluência de fatores que descentram o sujeito, encontramos também o aforismo lacaniano segundo o qual “o discurso é o discurso do Outro”.

Assim, iniciando esta discussão num ponto levantado pelo próprio Benveniste (e que deve ter interesse particular para o descentramento do sujeito levado a cabo pela Psicanálise e pela AD), notamos que o autor se refere à alienação mental citando Rimbaud. Ele comenta que o *eu* pode a cada momento ser um, ou seja, mostra que todos podem usar o pronome referindo a si mesmos, e com isso a noção de um *eu* recheado de conteúdos que poderíamos chamar “sua identidade” deixa de existir. Comenta o autor:

De fato uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua *unicidade* específica: o “eu” que enuncia o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos - ou nenhum. É por isso que o *je est un autre* [= “eu é um outro”] de Rimbaud fornece a expressão típica do que é propriamente a “alienação” mental, em que o eu é destituído de sua identidade constitutiva. (BENVENISTE, 1991, p. 253)\*\*

Talvez, do ponto de vista da Análise do Discurso e da Psicanálise, possamos dizer que falta radicalidade a essa concepção de alienação mental, visto que esta não resulta da simples reversibilidade dos pronomes. Como disse Benveniste, a alienação consiste em que o *eu* é um

---

\*\* Fazemos notar que no original traduzido para o português alterna-se o uso de *eu* e *tu* com “eu” e “tu”.

*outro*. Conceitos das referidas disciplinas, como interdiscurso, inconsciente e Outro, mostram a necessidade da radicalidade dessa afirmação, no sentido que é um outro que “forma” o *eu*, que o constitui mesmo.

Parece que aqui já entramos no terreno de um problema que a posição de Benveniste tem, com relação à abordagem a que temos nos filiado: ele é o da centralidade do sujeito. A esse respeito diz Guimarães: “Diria que este aspecto faz parte dos problemas do tratamento enunciativo de Benveniste, ao qual se acresce para mim, como para outros lingüistas e para a análise do discurso, a questão da centralidade deste sujeito da enunciação” (1995, p.47). Esta centralidade, para Guimarães, refere-se a que o sujeito da enunciação, para Benveniste, se apropria da língua de maneira onipotente, vale dizer, ele é senhor do que diz.

Isto pode ser visto nas palavras de Benveniste quando define que enunciação não é o enunciado, mas o ato de produzi-lo: “Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres lingüísticos da enunciação” (1989, p.82).

A perspectiva com que trabalhamos é a da AD, para a qual o sujeito não é nem centro, nem senhor, nem origem do (seu?) dizer. Por isso, diversos autores, como Authier-Revuz, se negam a participar da “operação de salvamento do sujeito”. Para a AD e a Psicanálise, não se pode dizer que o sujeito é centro, senhor, origem ou livre. Na verdade essa não liberdade se refere a que o sujeito não fala; ele é falado. Assim, reúnem-se diversas concepções para dizer que há um *outro* no discurso do *eu*.

Em Psicanálise, por exemplo, o inconsciente é o discurso do Outro. Podemos tomar este aforismo lacaniano como um contraponto crítico às concepções de Benveniste, porque não é o *eu* que escolhe o que dizer; o dito é atravessado por um Outro (e por outros dizeres). Há que se dizer mesmo que não há um *eu* positivo e anterior que se constitui como entidade discreta e homogênea diferente de um *tu*.

Assim, em Psicanálise, pode-se dizer que a presença do Outro no eu é constitutiva do sujeito, o sujeito não é homogêneo, é heterogêneo. Diz Authier-Revuz:

Em ruptura com o eu, fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante do exterior do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29)

Na mesma linha, pode-se dizer que há um sujeito do inconsciente e um eu. Este é o fundamento do que se tem chamado **sujeito dividido**. Num certo sentido pode-se dizer mesmo que a divisão do sujeito atesta a sua heterogeneidade, porque onde se julga que fala o *eu*, fala também o inconsciente, de modo que não só o sujeito, mas também o discurso, é heterogêneo.

A questão é que no domínio do *eu* se está também na ilusão necessária e constitutiva, na qual o sujeito (o *eu*) se imagina homogêneo, origem e centro de seu dizer. Isto é uma ilusão porque, no momento mesmo de constituição do *eu*, o outro se apaga, dando a impressão de só haver o *eu* ali.

Benveniste coloca o sujeito neste lugar, que é um lugar imaginário, quando diz que o sujeito é o que assegura a permanência da consciência. Esta permanência da consciência é para nós o efeito imaginário do sujeito, é o *eu*, é aquela imagem que “crio”, que imagino ser eu mesmo e que chamo de *eu*.

O autor coloca que a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito, que seria uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências e fica como “memória”. Essa capacidade do sujeito em “se propor” como sujeito será fundamental para o contraste que faremos desta noção de sujeito com a do sujeito enquanto entidade que somente existe na linguagem, contraste que aponta para um apriorismo do sujeito. Afirma o autor:

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor se propor como ‘sujeito’. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. (BENVENISTE, 1991, p.286)

Sobre o caráter imaginário do sujeito em Benveniste, Leite observa que o autor faz uma equação onde eu=sujeito=consciência. Para nós, o sujeito não se resume à consciência no sentido de que não se resume àquilo que imagina ser:

O “eu” do discurso indica então para Benveniste o sujeito, enquanto este se resume à certeza de sua consciência. O autor se insere aqui numa certa tradição filosófica que formula e opera com a equivalência eu=sujeito=consciência. Deste modo, o estatuto do sujeito em questão na teoria de Benveniste se determina pelo exercício de uma função imaginária garantidora de suas certezas. (LEITE, 1994, p.14)

Vê-se que a consciência é o imaginário, é aquilo que o sujeito imagina ser, onde tem certeza de si e está preso à ilusão constitutiva. Citando Lacan, Leite mostra, como dissemos, que o sujeito do inconsciente não é o *eu*, onde se apóia a tese da heterogeneidade: “A ordem instaurada por Freud prova que a realidade axial do sujeito não está no seu ‘eu’” (1994, p.15). A crítica lacaniana a uma concepção de sujeito como centro, relacionada à hipótese do inconsciente, pode ser vista nos *Escritos* (Lacan, 1998).

A apropriação da língua pelo sujeito traz consigo uma concepção de que o sujeito é inequívoco em seu dizer, mas a noção de que há um outro que fala por *eu*, mostra que há equívoco, porque o que o *eu* diz é atravessado por outro dizer, irremediavelmente, e nisso o *eu* acaba por dizer o que não escolheu. O dito escapa à vontade do *eu*.

A noção de interdiscurso na AD é outra entrada para que possamos comentar as colocações de Benveniste. O interdiscurso é o conjunto do dizível, é a memória do dizer. É memória do dizer porque se considera a história, mas história aqui não é cronologia; é filiação. É a memória do dizer onde o sujeito pode ocupar uma posição.

O sujeito fala a partir dessa memória, porque ela é o próprio dizível; segue-se que não se pode falar de fora do conjunto daquilo que está disponível no interdiscurso. Afirmar que o dizível é o que é disponibilizado na memória do dizer, não implica em afirmar que existe apenas

repetição do já dito sem deslocamento do sentido. Essa repetição seria uma repetição mecânica ou mnemônica; não historicizada, o que implica considerar também o nível do acontecimento e do equívoco.

Além disso, a não equivocidade do sentido em Benveniste se apóia também em sua tese de que a relação entre significado e significante é necessária e não arbitrária. Sobre o arbitrário, afirma Benveniste: “O conceito (‘significado’) ‘boi’ é forçosamente idêntico ao conjunto fônico (‘significante’) boi. Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância” (1991, p.55).

Se a relação é necessária, então não há espaço para a equivocidade, para uma interpretação diferente, para um deslizamento do sentido; tudo estaria pronto nessa relação (que não se desfaz) entre significado e significante. Parece que para o autor não há equívoco nem no sujeito nem na língua. Guimarães comenta como estes dois aspectos estão ligados:

Ou seja, ele fixa esta relação ao contrário de Saussure, que abriu o caminho para o tratamento do deslizamento do significado sobre o significante e vice versa. Só assim ele pode tratar um sujeito da enunciação como o que simplesmente e onipotentemente se apropria da língua. (GUIMARÃES, 1995, p.47)

Quanto ao sujeito, se considerarmos, como dissemos antes, que há uma memória do dizer, que o dizer (e o sentido) é determinado historicamente, notamos que é discurso que fala pelo *eu*. O equívoco aqui consiste em o sujeito imaginar que é origem e centro do que diz, sem perceber as instâncias que verdadeiramente põe em jogo a enunciação. Isto pode ser verificado em Pêcheux e Fuchs (1993).

Em função da atuação do processo de naturalização levado a efeito pela ideologia, fica apenas um sentido (o dito) e as condições de produção se apagam. O apagamento do processo de produção dos sentidos é uma forma de ver o equívoco no discurso. A necessidade desse apagamento coloca o equívoco como constitutivo da linguagem, equívoco que o sujeito supostamente centrado imagina controlar mas que não controla realmente. A esse respeito diz Orlandi: “[...] não se pode excluir do fato lingüístico o equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico” (1996, p.65).

### 3. Um paradoxo em Benveniste?

Benveniste propõe o eu como categoria vazia e puramente lingüística. Ao mesmo tempo, afirma que o sujeito se apropria da língua, e que se torna pessoa na medida em que se propõe como *eu*. Se o *eu* está na língua e não existe fora dela, perguntamos então: O que é isto que se apropria da língua? Não seria uma abertura para uma entidade psicológica anterior à linguagem, o que acabaria por constituir um paradoxo na obra de Benveniste? Explicando melhor: por um lado teríamos a linguagem fundando a pessoa dentro e fora da linguagem e ao mesmo tempo um sujeito que é senhor da língua e de si mesmo, e também senhor do que enuncia. Sendo ele “senhor”, esse sujeito não pode ser efeito da linguagem. Essa centralidade se afigura problemática para os pontos de vista da AD e da Psicanálise, de modo que diversos autores (Authier-Revuz, 1990, Leite, 1994, Guimarães, 1995) fazem uma crítica dessa centralidade. Indo além da centralidade, é fundamental notar que esse sujeito centrado entra

em conflito com a afirmação do próprio Benveniste segundo a qual a subjetividade se funda na linguagem.

Para dizer novamente, notamos então que: caso haja um sujeito que é senhor da linguagem, e que, além de ser sujeito, é capaz de se propor como sujeito (note-se que o termo “propor” é crucial aqui na detecção de uma subjetividade anterior à linguagem em Benveniste), por que a necessidade de se propor como sujeito para vir—a-ser o sujeito que já era? Por outro lado, se o sujeito se funda na linguagem, então não seria possível haver algo que se propõe como sujeito **antes** da linguagem, ou seja: não poderia haver um sujeito *a priori* aí.

## CONCLUSÃO

A leitura feita dos trabalhos de Benveniste aponta para a existência de duas concepções de sujeito distintas e até mesmo conflitantes na obra do autor. Uma, segundo a qual o sujeito existe na linguagem, e nunca fora dela. A outra aponta para um sujeito onipotente que se apropria da língua segundo sua vontade. Benveniste afirma que o sujeito existe quando se propõe como *eu* (por isso seu trabalho com os pronomes é fundamental), momento no qual passa a existir efetivamente, pois ele existe na linguagem e nunca fora dela. Como o sujeito foi capaz de “se propor” como sujeito, notamos um paradoxo na conjugação das duas concepções, pois não é possível que a subjetividade se funde na linguagem e que, ao mesmo tempo, exista um sujeito capaz de se propor como sujeito. Esse sujeito que se propõe, que funda a si mesmo é, claramente, anterior à linguagem.

Assim, a conclusão, neste momento, é a de que há um apriorismo do sujeito em Benveniste, fruto da colocação lado a lado de duas concepções de sujeito numa mesma teoria. Em acréscimo, apontamos para o fato de que Benveniste articula dois modos diferentes de significação (conforme Guimarães, 1995): o semiótico e o semântico. Essa distinção parece ser importante na obra de Benveniste e pode fazer diferença no encaminhamento do suposto apriorismo proposto aqui.

## ABSTRACT

*The aim of this work is to reflect on the notion of subject in Benveniste. By reading this author's works we claim they seem to have not one conception of the subject, but two. In the first, there is the proposition of a subject in language, i.e., a subject which exists from the moment it appears in language and can not exist out of it. By this point of view one might think the subject is an effect of language, as it is proposed by Pêcheux and Lacan. Although this is not the case, due to the second conception of subject found in Benveniste. In this second one, the subject is conceived as a master of language, which manipulates language by its will. Putting these two conceptions side by side, this second conception may be in opposition to the first one. In this sense, the present work questions Benveniste's conceptions, specifically by affirming that, in the encounter of these two conceptions, we can point out, in the author's work, a problematic aprioristic subject, because, if the subject exists in language (and the author proposes so), then the subject can not propose itself as a subject (as Benveniste also proposes). This would be like a subject inventing itself, and, if it already exists, there should be nothing to invent. The conclusions on this study may be affected by further research.*

**KEYWORDS:** *Language. Subject. Benveniste. Apriorism.*

**REFERÊNCIAS**

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Trad.: Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. IN: E. ORLANDI & J. W. GERALDI. (orgs). **Cadernos de estudos lingüísticos XIX**. Campinas (SP): Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp. 1990.p.25-42.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Trad.: Eduardo Guimarães, Marco Antonio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. Campinas (SP): Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Trad.: Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas, (SP): Pontes, 1991.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas (SP): Pontes. 1995.
- LACAN, J. **Escritos**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- LEITE, N. V. de A. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Ed. do Campo Matemático, 1994.
- ORLANDI, E. P. Autoria e interpretação. In: \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis (RJ): Vozes. 1996.p.63-78.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad.: Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas (SP): Ed. Unicamp. 1993. p.163-252.